

0 Paivado - 20.4.74

## Para uma concepção da Universidade nova

N. R. — Este discurso foi proferido pelo Sr. Dr. António José da Costa, aquando da recepção do Reitor da Universidade do Minho na Associação Jurídica.

No momento de receber, na Associação Jurídica de Braga, o Magnífico Reitor de uma nova Universidade, é oportuno e representa simples exigência de um dever de colaboração, por parte dos que aqui estudam, investigam e comunicam o resultado de seus trabalhos, formular algumas considerações, em simples mensagem, sobre o nosso entendimento da actividade criadora a nível superior e na perspectiva dos homens do Direito.

O fenómeno jurídico insere-se naturalmente no contexto geral do Saber, na evolução e progressivo caminhar do espírito criador do Homem, de modo que valem para o Direito aqueles postulados que todo o cientista, certamente, põe na base da sua actividade criadora.

O momento histórico que esta geração é chamada a viver põe-na perante responsabilidades muito especiais. Reserva-lhe tarefa de tal modo ingente, que só a onnipotente capacidade do Homem, iluminado por indómita fé, esperança e sonho, e dinamizado pelo princípio da criatividade em si imanente como realidade ontológica, poderá vencer.

Sem que a afirmação represente cedência a qualquer afectação apocalíptica — tanto ao gosto de certa oratória — é certo que vivemos um *limiar histórico*.

Os elementos cosmológicos agiram e reagiram milhões de anos, mas só em dada época lograram o acesso à vida das primeiras células que a biologia molecular considera mudança de natureza.

A matéria viva percorreu um caminho multi-miliário naquela via evolutiva que a visão Teilhardiana chama *subida e convergência*, até atingir o momento do dobre sobre si própria e do afloramento do primeiro fenómeno de consciência. Foi um caminho de milhões. Momentos e momentos se sucederam, mas só atingido o ponto de ruptura se alcançou o limiar da consciência e uma mudança na natureza.

Ora, precisamente, à nossa geração coube a vivência dum limiar histórico.

Exactamente ao reflectir sobre a vocação do homem para a transcendência da sua própria natureza e para a criação de nova forma de vida, aquele que eu considero o maior filósofo francês da actualidade asseverava: — «Vivemos uma das mais profundas fracturas ou rupturas da História. Temos que enfrentar o que nunca existiu». E, numa prevenção muito próprio de quem à *Ideia* sempre alia a *Práxis*, adverte: — «Temos de abrir-nos à possibilidade da irrupção do *completamente outro*».

A nível cosmológico, já no horizonte do Universo se levanta a nova Aurora de uma vida diferente, uma *natureza outra* em que o *ser-indivíduo* veja rasgados os acanhados limites e as barreiras que durante tão longa gestação o impediram da comunhão total, da participação no Universal, tanto no espaço como no tempo. Já o Homem começa a libertar-se da contingência corpórea e assumir aquela forma espiritual que lhe permita estar com todos no sentido proclamado por Heidegger como «forma autêntica», como o verdadeiro «coexistir». Uma forma nova do *Ser*, do qual o homem é apenas o poema começado». Estar com todos no tempo e no espaço, não já para dar a cada um o que é seu, mas *para dar tudo a cada um*.

Como é difícil, no momento actual da vida do Homem, conceber e criar uma Universidade.

Que ingente tarefa, Senhor Reitor, lhe cometeram!

\* \* \*

Quisemos, nesta data, que estas minhas palavras exprimissem uma brevíssima *mensagem*, não mais, talvez, que um simples *voto*.

V. Ex.<sup>o</sup> vai encarnar, entre nós, todas as possibilidades e virtualidades da *acção criadora* do Homem. Do Homem que vai formar a Universidade e do Homem que por ela vai ser formado.

Ora, para me servir ainda do mesmo filósofo que me sugeriu esta reflexão, tenho de partir sempre desta realidade ontológica: — «A dimensão fundamental do Homem é a transcendência».

Esta vocação para a transcendência «impõe-nos uma vertiginosa responsabilidade: somos obrigados a inventar o futuro; a participar na criação contínua do homem pelo homem». Somos obrigados a romper com o positivismo e abandonar uma posição que, embora alienada, era cómoda.

Construir e desbravar impõem esforço, sobretudo quando se tem de inventar o próprio projecto. No entanto, é para lá do horizonte actual, é para além e para cima das formas já alcançadas que se situa a meta. Aliás, uma meta que, como na assíntota, se vai sempre distanciando à medida que para ela caminhamos.

Foi neste sentido que Fichte lapidarmente afirmou: — «O ideal é mais real que o real». E é com este entendimento que, em Hegel, «o possível faz parte do real».

O mesmo pensador que venho reflectindo — Garaudy —

lembra que este possível, esta hipótese, este projecto não estão já inscritos no passado, nem no presente; o futuro não está simplesmente no prolongamento do passado e do presente: emerge de novo. Sou obrigado a reconhecer... *esta dimensão do real, esta possibilidade permanente de ultrapassagem, esta transcendência*».

Temos, meus senhores, de antecipar uma nova concepção da escatologia, uma concepção que nos não prenda a um objectivo já determinado que constituiria uma fatalização da História. Esta escatologia será essencialmente uma libertação.

A esta luz, criar é ser livre. Mas é também a única forma de o ser.

Quando Hegel diz que «a Filosofia deve guardar-se de querer ser edificante» e quando Heidegger nos censura a pretensão de encontrar nela *uma norma para a acção*, certamente que estes filósofos querem significar que não é *criadora e libertadora* a atitude de quem pretenda, antes da partida, fixar as realidades estáticas e universalmente válidas, os princípios imutáveis, os valores definitivos e universais que hão-de iluminar-lhe o caminho.

A criação poética, com todo o seu poder de antecipação, já esculpiu, como em marco miliário, que «no hay camino; el camino se hace al andar».

Vai a Universidade do Minho iniciar a sua caminhada. Vai construir. Vai fomentar criação.

Vai, num certo sentido, caber-lhe a mais alta e nunca atingível tarefa de formar *bens capitais*, na medida em que formará os *homens* que hão-de construir.

Assim ela inscreva, a letras de fogo, nos seus ombrais, um postulado de *transcendência*.

\* \* \*

Senhor Reitor:

Vai a Universidade servir-se, por contingência histórica, dos materiais do presente.

Na sua organização, no seu trabalho, investigação, actividade científica, no seu ensino, na sua própria pedagogia, vai encontrar as fórmulas existentes, as estruturas vigentes, os métodos implantados, talvez os docentes já formados ou deformados, e vai até ser-lhe presente — quem sabe? — um projeto acabado e julgado perfeito.

Vai encontrar uma *situation étable*.

Eis aqui, o maior perigo que a espreita.

Eis a dificuldade mais difícil de vencer.

Obra de gigantes, Senhor Reitor, esta de ter de superar a tentação das estruturas já definidas, acabadas e feitas.

Aqui, urge gritar com o mesmo Garaudy: — «Não podemos considerar-nos funcionários do absoluto; não somos porta-voz de nenhuma verdade acabada; o mundo não é uma realidade já feita; o futuro não é um cenário já descrito; não podemos atribuir-nos o privilégio de o termos lido de antemão; nenhuma realização histórica pode ser considerada como um fim último».

Com aquela intensidade expressiva que só a forma poética é susceptível de comportar, Bertolt Brecht escreveu: — «É preciso transformar o mundo; a seguir, é preciso transformar o mundo transformado».

Todos desejamos ardentemente que a Universidade do Minho seja posta para instrumento de criação, para abrir clareiras de luz, para constituir *método* (meta-odos) de penetração e abertura de caminho na floresta da vida.

Que o estruturalismo seja para seus Mestres e alunos sempre e simplesmente hipótese de trabalho e modelo metodológico; nunca conquista definitiva e ponto de chegada.

Que toda a *situation étable* e toda a estrutura nunca seja mais que um corte que nos dá o aspecto estático da realidade num dado momento histórico. E que nunca se esqueça que, em relação a essa mesma realidade (que é dinâmica), só podemos ter uma certeza: a de que é diferente de ontem e, amanhã, será diferente de hoje.

Se é possível, nesta Casa onde tanto se pelejou pelos estudos superiores, dirigir à Universidade nascente um apelo, nós lhe gritaríamos:

— Universidade: não feches nem limites o horizonte de teus Mestres e alunos, impondo-lhes cânones imutáveis e projectos acabados ou fixando-lhes valores definitivos, como pretensas conquistas duma visão dita Ocidental; outrossim lhes não imponhas sujeições ditadas pela exigência da praxis política e justificadas pela implantação de um qualquer socialismo totalitário. Respeita, em Mestres e alunos, «o que eles têm de mais especificamente humano: o seu poder de antecipação e de contestação, a sua dimensão profética».

Se nos é lícito um voto, no momento de nascer uma nova Universidade, nós diremos:

Assim ela inscreva também, a letras de fogo, nos seus ombrais, um postulado de **RELATIVIDADE**.

(Continua na 7.ª pág.)

# Para uma concepção da Universidade Nova

(Continuação da pág. 5)

Magnífico Reitor:

Faz parte da essência do homem, do Seu específico Ser, uma inabalável fé no seu destino, uma como que inconsciente e congénita certeza da sua integral realização escatológica.

Com Garaudy, eu posso dizer que, nos dois postulados já referidos, assenta um terceiro: o postulado da abertura, da boa vontade, da esperança.

«Em nome deste postulado — escreveu o filósofo — alguns jovens, em 1968, escreviam resolutamente nas paredes da Sorbonne: *«sejamos razoáveis, peçamos o impossível»* — com plena consciência, diante da velha casa escolástica, de que não há nada mais insensato que uma razão tímida. Quer dizer: positivista».

Nunca esqueçamos que o outro nome da palavra *Revolução é Fé*, enquanto esta quer dizer esperança escatológica de realização integral do homem e da sociedade.

«É por esta via que a revolução e a fé — no dizer do mesmo pensador — podem operar a sua junção, depois de alguns séculos de antagonismo».

Esta fé, de resto, é um acto de amor do homem ao homem universal.

Não será de todas a menor a lição dum filósofo marxista, ao escrever:

«Como poderia eu falar de um projecto global para a humanidade, de um sentido a dar à sua História, enquanto que milhões de homens, no passado, dela foram excluídos, viveram e morreram escravos ou soldados, sem que a sua vida e a sua morte tivessem um sentido? Como poderia eu considerar que outras vidas se sacrificam para que nasça esta realidade nova, se não acreditasse que esta nova realidade os contém todos e os prolonga, que eles vivam e ressuscitem nela?»

E remata: — é o postulado implícito de toda a acção revolucionária e, mais geralmente, de toda a acção criadora».

Senhor Reitor:

Ides construir a casa desde a primeira pedra.

Tomando o meu lugar à mesa de Bertolt Brecht, quero terminar com palavras que só este saberia dizer:

— «Toma o teu lugar na mesa, foste tu que a puseste. A partir de hoje vestirá o vestido aquela que o cozeu. Hoje, ao meio-dia em ponto, Começa a idade do ouro.»

Nós vamos inaugurá-la por sabermos

Que estais fartos de construir casas

Que jamais habitais. Queremos crer

Que, doravante, ireis comer o pão que cozestes.»

Assim a nova Universidade inscreva, a letras de fogo, nos seus ombrais, um postulado de esperança.